

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

**EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO
PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT E DE PAULO FREIRE.**

Gustavo Pinto Macau

São Luís - MA
2024

GUSTAVO PINTO MACAU

**EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO
PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT E DE PAULO FREIRE.**

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao
Curso de Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zilmara de Jesus Viana de
Carvalho

São Luís- MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pinto Macau, Gustavo.

Educação para autonomia: Uma análise a partir do
pensamento de Immanuel Kant e Paulo Freire / Gustavo Pinto
Macau. - 2024.

49 f.

Orientador(a): Zilmara de Jesus Viana de Carvalho.
Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Autonomia. 2. Educação. 3. Paulo Freire. 4.
Immanuel Kant. I. de Jesus Viana de Carvalho, Zilmara.
II. Título.

GUSTAVO PINTO MACAU

**EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO
DE IMMANUEL KANT E DE PAULO FREIRE.**

Monografia de Conclusão de Curso, apresentada ao
Curso de Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zilmara de Jesus Viana de
Carvalho.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
Orientadora

Prof. Dr. José Assunção Fernandes Leite
1º Examinador

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
2º Examinador

“Lavar as mãos em face da
opressão é reforçar o poder do
opressor, é optar por ele.”

Paulo Freire

Dedico essa monografia a minha família e
amigos que estiveram ao meu lado nessa
jornada e especialmente a minha mãe que
sempre me apoiou na minha escolha de ser
professor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, Magnolia de Jesus Viana Pinto, que com muita luta e persistência, me criou e deu todo suporte a mim. Foi ela que me proporcionou chegar até aqui, e por tudo que ela fez durante toda minha vida eu sou eternamente grato.

Sou grato também pela orientação e acompanhamento acadêmico da professora doutora Zilmara de Jesus Viana de Carvalho, que foi essencial e de extrema importância para minha vida acadêmica, e que ajudou na realização dessa pesquisa.

Agradeço também a Zaimo Danã Viegas Maramaldo por ser um grande amigo, por estar sempre presente nos momentos bons e ruins, por vibrar junto comigo em cada etapa do desenvolvimento dessa pesquisa, por me incentivar e sempre confiar no meu potencial acadêmico.

Agradeço também a Hudson Silva, que estava ao meu lado durante essa vida acadêmica, nos momentos bons e ruins, mostrando que a vida acadêmica pode ser suavizada se você tiver os amigos corretos ao seu lado, como ele foi durante todo esse tempo.

Agradeço também a Luciana Souza, amiga que o curso de filosofia me deu, e que fez parte da minha trajetória acadêmica, e que me proporcionou grandes momentos de amizade no dia a dia dentro da universidade.

Agradeço a Leny Alves Lisboa por todo apoio e incentivo durante a fase que compartilhamos, que foi essencial para a conclusão dessa pesquisa.

Agradeço também a todos os demais amigos que eu fiz durante a minha trajetória dentro da universidade, vocês foram essenciais no decorrer dessa jornada.

Agradeço também a todos os profissionais da educação que me instruíram ao longo do curso.

RESUMO

A presente pesquisa objetiva expor as ideias e pensamentos acerca da educação voltada para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo apresentadas por Immanuel Kant e Paulo Freire. Para tanto, partiremos, sobretudo, das obras *Fundamentação da metafísica dos costumes*, *Sobre a Pedagogia* e *Resposta à pergunta: “Que é Esclarecimento?”* à guisa do conceito de autonomia e de sua aplicação no âmbito educacional. Procedendo, em seguida, à análise das obras *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como prática da liberdade* de Paulo Freire com propósito de expor a ideia de autonomia e da educação libertadora presentes no pensamento freiriano. Nesse sentido, pretende-se expor que, para Kant, se a educação forma o homem, a melhor educação é aquela voltada para o pleno desenvolvimento do uso de sua razão, comprometida com o pensar autônomo, possibilitadora da participação reflexiva do cidadão na vida pública e ética, comprometida com as gerações vindouras, condições que a educação puramente mecânica não vislumbra e nem pode fornecer. Da mesma forma, resguardadas as diferenças temporais e teóricas, que a educação em Paulo Freire, comprometida com a libertação da opressão e com a justiça social, compreende que isso não pode ocorrer se a educação não estimular a autonomia, que, por sua vez, não ocorrerá se o ensino se pautar em mera transmissão de conhecimentos, ignorando as vivências e conhecimentos prévios do estudante, material este que deverá ser objeto da reflexão orientada pelo educador, por isso o ensino precisa criar possibilidades para a construção e produção de conhecimentos. A concepção de educação desenvolvida no pensamento desses filósofos permite tecer algumas considerações críticas sobre a atual educação no Brasil e sobre as características da sociedade brasileira, que não possuem um índice de educação elevada nas camadas mais vulneráveis da sociedade, permanecendo em uma realidade injusta, desigual, resultante de um sistema que oprime e desumaniza o indivíduo.

Palavras-Chave: Autonomia; Heteronomia; Educação; Esclarecimento; Opressão; Kant; Freire.

ABSTRACT

This research aims to expose the ideas and thoughts about education aimed at developing individual autonomy presented by Immanuel Kant and Paulo Freire. To do so, we will start, above all, from the works *Foundation of the metaphysics of customs*, *On Pedagogy* and *Answer to the question: "What is Enlightenment?"* in terms of the concept of autonomy and its application in the educational sphere. Proceeding, then, to the analysis of the works *Pedagogy of Autonomy* and *Education as a practice of freedom* by Paulo Freire with the purpose of exposing the idea of autonomy and liberating education present in Freire's thought. In this sense, we intend to expose that, for Kant, if education forms man, the best education is that aimed at the full development of the use of reason, committed to autonomous thinking, enabling the citizen's reflective participation in public life. and ethics, committed to future generations, conditions that purely mechanical education does not envisage and cannot provide. Likewise, taking into account temporal and theoretical differences, education in Paulo Freire, committed to liberation from oppression and social justice, understands that this cannot occur if education does not stimulate autonomy, which, in turn, will not occur if teaching is based on the mere transmission of knowledge, ignoring the student's experiences and prior knowledge, material that should be the object of reflection guided by the educator, which is why teaching needs to create possibilities for the construction and production of knowledge. The conception of education developed in the thinking of these philosophers allows us to make some critical considerations about current education in Brazil and about the characteristics of Brazilian society, which do not have a high level of education in the most vulnerable layers of society, remaining in an unfair, unequal reality, resulting from a system that oppresses and dehumanizes the individual.

Keywords: Autonomy; Heteronomy; Education; Enlightenment; Oppression; Kant; Freire.

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	10
2. Autonomia, Heteronomia e Esclarecimento.....	9
2.1 Educando para autonomia: Kant no <i>Sobre a pedagogia</i> Erro! Indicador não definido	15
2.2 A Educação como realização da Filosofia Prática kantiana.....	18
3 Autonomia como ferramenta da busca pela liberdade.....	22
3.1 A Conscientização e o Seu Papel na Busca pela Autonomia em Freire.....	21
3.2 O Papel do Educador e do Educando para a Educação Autônoma.....	22
3.3 O Ensinar exige do Educador.....	24
4 A Educação como caminho para mudança em Freire	28
4.1 Educação para autonomia e a política	31
4.2 Educação para Autonomia e a Formação Ética.....	32
4.3 Educação para Autonomia e a Estética.....	33
4.4 Educação no Brasil.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
Referências.....	38

1.INTRODUÇÃO

O sistema atual da sociedade brasileira mantém o indivíduo preso em uma condição de opressão que o leva muitas vezes a uma vida de pobreza e de indignidade humana, filhos e filhas desde cedo são ensinados a trabalhar para sobreviver na esperança de que o trabalho duro os levará a uma vida mais digna e isso não acontece pois o sistema é feito para manter o indivíduo preso nele e esse ciclo se repete através das gerações, as pessoas são ensinadas a sobreviver e não a viver, não se veem pertencentes a toda uma história de opressão que lhes foi dada e estão fadadas a permanecer nela e perpétua essa história.

A educação que deveria ser a chave para a busca de uma vida melhor acaba sendo um grande obstáculo, onde os modelos de educação perpetuam o pensamento tecnicista e instrumental e não abordam a educação em sua totalidade formativa, colocando a importância toda no conteúdo que deve ser trabalhado e não no desenvolvimento do aluno, as consequências desse tipo de prática é facilmente percebido na sociedade onde a alienação das massas está cada vez mais evidente tanto na esfera política e social. No contexto atual da educação brasileira onde instituições e disciplinas vêm sendo constantemente atacados e menosprezados, colocados em uma posição irrelevante por discursos sem nenhuma base ou estudo é notório o que a falta de cuidado com a educação pode causar a uma sociedade.

A educação para autonomia tem como base central o desenvolvimento do pensamento do indivíduo, tornando esse indivíduo um membro ativo da sociedade que conhece seus direitos e seus deveres, Paulo Freire já nos alertava sobre a importância do desenvolvimento do pensamento para que possamos nos libertar das condições opressoras que nos cercam e hoje percebemos que no Brasil as heteronomias estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, direitos básicos são atacados diariamente e as próprias massas são usadas para defender esses ataques e vêm se tornando cada vez mais comum a segregação das pessoas onde pessoas pobres, faveladas, ou pertencente de qualquer minoria não tem seus direitos garantidos ou o mesmo tratamento que teriam se fizessem parte do seleto grupo que possui inúmeros privilégios.

O presente trabalho tem como objetivo expor as ideias acerca da educação para autonomia presentes nas obras de Immanuel Kant e Paulo Freire e expor os benefícios para o indivíduo e para sociedade quando o desenvolvimento do pensamento autônomo é praticado desse modo.

2. Autonomia, Heteronomia e Esclarecimento

Em Kant, de acordo com a *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), autonomia e heteronomia são conceitos fundamentais em sua teoria ética, autonomia seria a capacidade do indivíduo de agir segundo sua própria consciência e a heteronomia seria seu oposto, significaria o indivíduo agir com base em vontades impostas por outras pessoas, instituições, dogmas ou tradições. Em outras palavras, a autonomia seria o poder de dar leis a si próprio, enquanto na heteronomia, tem-se a lei que procede de outro.

Kant (1974) acreditava numa ética baseada na autonomia, pois assim cada indivíduo agiria moralmente de acordo com as regras da sua razão, em seu argumento o filósofo alemão defende que a razão é a fonte da moralidade, sendo assim o conceito de autonomia aparece como a libertação das influências externas e das inclinações pessoais para agir de acordo com a lei *a priori* da razão ou imperativo categórico, lei que representa a ação como necessária por si e não como um meio para a obtenção de um fim, sendo esse conceito um dos principais requisitos para que uma ação seja moral. Na obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant (1974, p. 129) apresenta a formulação da lei ou imperativo categórico: “*Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal.*”. Em uma nota de rodapé o filósofo esclarece o que entende por máxima e o que compreende por lei, apresentando a primeira como princípio subjetivo da ação e a segunda como o princípio objetivo desta, assim, a máxima “contém a regra prática que determina a razão em conformidade com as condições do sujeito (...), e é, portanto, o princípio segundo o qual o sujeito age; a lei, porém, é o princípio objetivo, válido para todo ser racional, segundo o qual ele *deve agir*, quer dizer um imperativo.” (Kant, 1974, p. 129)

Ainda na *Fundamentação*, diz o filósofo prussiano que a vontade autônoma concebe para si própria a lei, sendo diferente da vontade heterônoma onde a lei tem

como condição de possibilidade o objeto do apetite, isto é, a matéria do querer. A vontade autônoma consiste em seguir não somente a lei por ser lei, mas seguir, por reconhecê-la como sua lei, o princípio da autonomia é o imperativo categórico. Em outras palavras, quando a vontade é autônoma ela se funda em leis universais livres de interesses pessoais, determinando-se por puro dever, reconhecendo a lei que ela obedece como lei que ela mesma se dá¹, dessa forma Kant considera a autonomia da vontade como o princípio supremo da moralidade segundo Zatti (2007).

Em Kant vemos uma preocupação em abordar o conceito de autonomia a partir de uma perspectiva moral, o que, por sua vez, inclui não só a ética, porém, além desta, o direito, pois se trata de viver em uma sociedade onde os indivíduos sejam de fato pessoas autônomas, capazes de fazerem uso da própria razão, logo pessoas éticas, mas também atentas a se às leis externas (as leis jurídicas), que possibilitam a coexistência de suas liberdades, são de fato balizadas pelos princípios *a priori* do direito, portanto, passíveis de universalização.

Sendo essa uma tarefa árdua, que também requer uma modificação da forma de pensar da espécie, Kant sugere uma educação que busque desenvolver a capacidade do indivíduo de pensar por si mesmo e de agir de acordo com sua consciência moral², para isso o prussiano propõe tanto uma pedagogia voltada para crianças e jovens, um método de ensino baseado na razão, onde se ensina a pensar de modo crítico e racional. Todavia, reconhece que tão importante quanto o investimento nesse tipo educação, que se propõe a ir além do simples exercício mecânico, é instigar o esclarecimento do mundo letrado, um público adulto e erudito, que, não obstante, ainda não fazia uso do próprio entendimento, não pensava por si.

¹ Na *Crítica da razão prática* (1788), Kant (2002, p. 55) esclarece que “A **autonomia** da vontade é o único princípio de todas as leis morais e dos deveres conformes a elas: contrariamente, toda a **heteronomia** do arbítrio não só não funda obrigação alguma mas, antes, contraria o princípio da mesma e da moralidade da vontade.” (Kant, 2002, p. 55). Este explica também que o princípio da moralidade seria tanto a independência em relação à matéria da lei, quanto a determinação do arbítrio pela simples forma da legislação universal. Dessa forma, a heteronomia seria mesmo o contrário disso, havendo nesta “uma dependência da lei natural de seguir um impulso ou inclinação qualquer, e a vontade não se dá ela mesma a lei mas somente o preceito para a perseguição racional de leis patológicas [...]”. (Kant, 2002, p. 56)

² Na *Fundamentação*, o sentimento de respeito é apresentado como consciência moral, uma vez que este, conforme Kant (1974, p. 115), significa “a consciência da *subordinação* da minha vontade a uma lei (...). A determinação imediata da vontade pela lei e a consciência desta determinação é que se chama respeito (...)”. A consciência moral para Kant não é uma ficção, ela nos permite ajuizar sobre nossos atos, na *Crítica da razão prática*, diz Kant (2002, p. 159-160): “Um homem pode dissimular o quanto ele quiser, para dourar perante si mesmo um comportamento ilegal do qual se recorda, e declarar-se não-culpado a seu respeito [...]; ele descobre, contudo, que o advogado que fala em seu favor de modo algum consegue fazer calar o acusador nele, tão logo ele se dê conta de que no momento em que praticava a injustiça estava de posse do seu juízo [...]”. A consciência moral permite avaliar nossos atos, se são moralmente corretos, em função das leis da razão.

Segundo Kant,

Pensar por si mesmo significa procurar em si mesmo a suprema pedra de toque da verdade (isto é, em sua própria razão); e a máxima de pensar sempre por si mesmo é o *esclarecimento* [Aufklärung]. (...). Servir-se de sua própria razão não quer dizer outra coisa senão, em tudo aquilo que devemos admitir, perguntar a nós mesmos: achamos possível estabelecer como princípio universal do uso da razão aquele pelo qual admitimos alguma coisa ou também a regra que se segue daquilo que admitimos? (Kant, 2009a, p. 61)

Note-se que por essa definição, que aparece em *Que significa orientar-se no pensamento?* (1786) – um dos textos que integram a filosofia política de Kant –, o *pensar por si* é sinônimo de esclarecimento, esse esclarecimento pode ocorrer em âmbitos diversos, como o ético, a espiritual (religião), o jurídico (nossos direitos e deveres externos), o político, o intelectual etc. Não exclui a dimensão ética, pelo contrário, embora não se restrinja a ela. É imprescindível que os homens se esclareçam no que tange a esfera sociopolítica e ajudem a outros nesse processo, fazendo uso de sua liberdade de expressão, sem descuidar da obediência, como diz Kant (2009b, p. 66), que também raciocinem, que tornem público à comunidade da qual fazem parte o que pensam:

O cidadão não pode se recusar a efetuar o pagamento dos impostos que sobre ele recaem; até mesmo a desaprovação impertinente dessas obrigações, se devem ser pagas por ele, pode ser castigada como um escândalo [...]. Exatamente, apesar disso, não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas idéias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições³. (Kant, 2009b, p. 66)

No texto *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?* (1784), Kant fala sobre a dificuldade do homem de sair da menoridade e do quão natural essa condição pode se tornar, “A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de um outro indivíduo” (Kant, 1985, p.100), ou seja, um sujeito preso em sua menoridade não pode se tornar um homem esclarecido. Kant aponta as causas da menoridade,

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção

³ Da mesma forma, a posteridade pode considerar um crime contra a humanidade credos invariáveis, aprovados por uma sociedade de eclesiásticos, comprometidos com uma supertutela e/ou com a perpetuação da tutela, uma vez afastarem o esclarecimento desta, mesmo que sejam confirmados pelo poder supremo ou por parlamentos. Acerca disso, diz Kant (2009b, p. 68. Grifos nossos.): “**Quanto ao que se possa estabelecer como lei para um povo, a pedra de toque está na questão de saber se um povo se poderia ter ele próprio submetido a tal lei.**”.

estranha (*naturaliter maiorense*), continuem, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida, São também as causas que explicam por que é tão fácil que outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. (Kant, 2009b, p.100)

Nessa perspectiva, a condição de ser menor advém da própria escolha do indivíduo, considerando que sobre este, apenas de um ponto de vista biológico, pesa a determinação natural, uma vez ser possuidor de uma vontade livre, o que o torna indesculpável pela menoridade na qual se acha encerrado, submetendo-se a tutores. Ousando saber, por conseguinte, despojando-se da preguiça e da covardia, é possível sair da condição de menor para a de esclarecido, tanto que diz Kant (2009b, p.100): “Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade”.

Para se tornar esclarecido o homem deve estar disposto a cortar as correntes que lhe predem em sua menoridade, as heteronomias (como a recorrência aos tutores) presentes em sua vida, o homem esclarecido é livre dessas heteronomias graças ao uso que faz de sua razão, expressando, assim, sua dignidade. Este não é mais um seguidor maquinal de ordens, ele busca compreender seu papel no mundo, já dizia Kant:

Um grau maior de liberdade civil parece vantajoso para a liberdade de espírito do povo e, no entanto, estabelece para ela limites intransponíveis; um grau menor daquela dá a esse espaço o ensejo de expandir-se tanto quanto possa. Se, portanto, a natureza por baixo desse duro envoltório desenvolveu o germe de que cuida delicadamente, a saber, a tendência e a vocação ao pensamento livre, este atua em retorno progressivamente sobre o modo de sentir do povo (com o que se torna capaz cada vez mais de agir de acordo com a liberdade), e finalmente até mesmo sobre os princípios do governo que acha conveniente a si próprio tratar o homem, que agora é mais do que simples máquina, de acordo com sua dignidade. (Kant, 2009b, p. 114-115)

Kant defende o conceito de maioridade como o próprio conceito de esclarecimento, onde o uso da razão e, consequentemente, a conquista desse esclarecimento é a melhor forma de combater a ignorância e fazer com que a sociedade atinja um patamar de liberdade e igualdade jurídico-política. Nessa perspectiva, o ser humano não nasce esclarecido, esse esclarecimento se obtém aos poucos, quer através do uso público da razão, exercício necessário para instigar o mundo erudito a pensar, visto que, por esse meio, pode-se tanto comunicar aos outros aquilo que se pensa, quanto pensar com correção, ouvindo o que estes dizem. Quer através da adoção de uma nova pedagogia, uma na qual a educação levasse a

alcançar a autonomia começando esse processo pela mais tenra idade, pois o cultivo dessa liberdade da criança deveria ocorrer a partir de uma proposta ampla de educação, que considerasse o desenvolvimento de seus talentos, mas também de uma formação cidadã e moral, à luz do pensar por si.

Sendo assim, é em Kant que o conceito de autonomia ganha centralidade e força onde, sintetizado os anseios de emancipação defendido por uma época concebe-a – a partir de uma perspectiva moral, portanto, de uma base com implicação ética e jurídico-política –, como de suma importância para o desenvolvimento educacional do homem e da sociedade.

Por outro lado, essa defesa de um homem capaz de fazer uso da própria razão também é feita a partir da sua contraposição à permissão dada por aqueles que abdicaram desse exercício, em favor da direção de outrem, que os legou a uma condição de menoridade e, por conseguinte, de heteronomia.

Para Kant o homem só pode alcançar o esclarecimento, portanto, o pensamento autônomo através da educação, saindo, assim, de sua menoridade, contudo, como é sabido, a convocação para o esclarecimento é destinada a um público erudito, um mundo adulto, ao qual cumpria pensar, embora reconhecendo o prussiano não ser esta tarefa fácil para aqueles já tão acostumados a ter tutores.

Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito de minha dieta, et., então não preciso de esforçar-me eu mesmo. (Kant, 2009b, p. 64)

O texto do *Esclarecimento*, se pode ser entendido como uma convocação ao pensar por si, não é, entretanto, uma convocação ingênua, desprovida da consciência de suas dificuldades. O filósofo sabe que a menoridade produz seus grilhões, que está se torna “quase uma natureza” (Kant, 2009b, p. 64), pela qual o menor cria amor, e porque não lhe deixaram fazer a tentativa de usar o próprio entendimento este parece incapaz disso.

Contudo, de acordo com o prussiano, que um “público se esclareça [aufkläre] a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável”. (Kant, 2009b, p. 65). Nessa passagem, Kant se refere a tutores estabelecidos da grande massa, que sacudiram de si o jugo da menoridade, porém, chama a atenção o fato de que a tentativa destes, uma vez esclarecidos, de espalhar

o valor do pensar por si, encontrarão resistência por parte daqueles a que conduziram ao jugo da menoridade, uma vez que querem permanecer debaixo deste, ao que Kant (2009b, p. 65), conclui: “Vê-se assim como é prejudicial plantar preconceitos, porque terminam por se vingar daqueles que foram seus autores ou predecessores destes. Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento [Aufklärung]”. Não é impossível sair da menoridade, todavia não é uma tarefa fácil, os tutores

Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para a prender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. (Kant, 2009b, p. 64)

Observe-se, ainda, que no *Que significa orientar-se no pensamento?* na última nota de rodapé, Kant (2009a) adverte para o quão penoso e demorado é educar uma época, pois muitos são os obstáculos exteriores, que em parte proíbem e em parte dificultam tal tarefa, todavia, na mesma nota acena para o fato do esclarecimento, mediante a educação, poder se estabelecer de modo mais fácil em *indivíduos particulares*, “deve-se apenas começar cedo e habituar os jovens espíritos a esta reflexão.” (Kant, 2009a, p. 62). É também digno de observação que no *Sobre a pedagogia*, destinada a tratar da educação desses indivíduos, o andar amparado em carrinho na tenra idade é novamente alvo de críticas, pois retarda o andar, de forma literal ou figurada o significado é que a educação não deve se valer de recursos que não favoreçam a natureza, quer no tocante ao andar com os próprios pés, quer no que concerne ao pensar por si.

2.1 Educando para autonomia: Kant no *Sobre a pedagogia*

A educação de crianças e jovens não é só necessária, mas urgente para Kant. “O homem só se pode tornar homem através da educação” (KANT, 2019, p.12). Destarte, é da educação que surge todo o bem no mundo, quando esta é uma boa educação, segundo Kant (2019, p. 17).

A educação, conforme a apresenta o filósofo de Königsberg, no *Sobre a pedagogia*, é um processo que não deve estar desvinculado da moral, uma vez que ela deve estar comprometida com a ideia de um futuro melhor para o gênero humano, não se limitando, como ocorria então, apenas ao presente, como meio de adaptação a este. Daí porque se a arte de educar pode começar mecanicamente, não cabe assim permanecer, visto que muitos erros advêm do mecanicismo, falta-lhe plano, não sendo adequado prosseguir desse modo em matéria de educação. Como já afirmava Kant (2009b, p. 64) no texto do *Esclarecimento*: “Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade.”. Sendo assim, não há que se replicar isso quando se pretende uma educação promotora do pensar, cujo fim é o melhoramento da humanidade.

Nessa perspectiva, cumpre pensar a educação como ciência, uma ciência comprometida como o desenvolvimento integral do que está em germe no homem, isto é, suas disposições naturais para o uso da razão. Contudo, isso não deve ser esperado que aconteça por intermédio dos príncipes, “só podemos esperar que o bem venha de cima no caso da educação ser ali mais aprimorada! Daí que o importante aqui seja principalmente os esforços privados e não a intervenção dos príncipes [...]” (Kant, 2019, p. 17).

Kant se coloca contrário a instituição de escolas que dependessem, para sua manutenção, contar com o apoio do Estado, como era o caso da Filantropa de Dessau, fundada em 1774, por Basedow. Segundo Kant (2019, p. 18), os planos da escola ficariam sujeitos ao parecer dos príncipes, que requereriam apenas o desenvolvimento da habilidade na educação dos súditos, a fim de serem “mais bem usados como instrumentos para seus próprios propósitos” (Kant, 2019, p. 18), quando deveriam, no entender de Kant, depender apenas “do juízo dos conhecedores mais esclarecidos”, preocupados não somente em tornar os educandos não só mais hábeis, porém morais.

Desse modo, podemos dizer que enquanto os chefes de Estado se preocupavam apenas com a promoção de uma educação mais técnica, que não exigiria dos súditos progressos no campo do pensar, na visão de Kant a educação deveria ser voltada para a formação integral do homem, entendendo que este tem de ser disciplinado, cultivado, civilizado ou prudente e moralizado. Considerando esses

distintos interesses, o primeiro (dos estadistas) envolvendo o poder, o segundo, o esclarecimento e, nesse sentido, o melhoramento humano, a educação privada seria bem melhor do que a pública, isto é, do que a financiada pelo Estado.

Assim a educação tem, para Kant, um aspecto prático, tendo por objetivo desenvolver os talentos, a civilidade e a moralidade, correspondendo estes ao desenvolvimento das ciências e das artes, da prudência e do fim moral.

O objetivo da educação é a orientação, o homem nasce livre e por nascer livre ele pode ser educado, entretanto este não nasce isento de uma propensão para o mal, que pode levá-lo a vícios diversos, ao mesmo tempo, que o homem possui tal propensão, ele também possui uma disposição para o bem que, em se desenvolvendo, permite-lhe, guiar-se pela razão e assim, determinar-se segundo leis morais.

Cabe ao homem optar por guiar-se pela razão ou não. Mas ele será autônomo na condição de guiar-se pela razão, por isso a educação deve objetivar a racionalidade, isso porque o racional pode promulgar para si a lei universal e assim ser autônomo. Já que o homem não nasce determinado para o bem ou para o mal, Kant propõe uma educação como aprendizagem do exercício das regras no plano teórico e prático. (ZATTI, 2007, p.32)

Kant em sua obra *Sobre a Pedagogia* reflete sobre a educação e sobre o papel do educador na formação do indivíduo, ele entende que a educação é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano e que o educar, por sua vez, tem a tarefa de desenvolver a capacidade de raciocínio, julgamento e autonomia do aluno. O filósofo alemão expõe que o objetivo da educação é o desenvolvimento da razão e do caráter dos alunos, para que possam ser cidadãos capazes de contribuir para o bem da sociedade, tanto quanto seres morais, destinação, por excelência da humanidade.

A espécie humana é a única que precisa ser educada, o que a torna diferente dos outros seres criados, segundo o autor os animais já nascem possuindo, por exemplo, mecanismos de defesas que os impedem de agir de forma prejudicial a si mesmos, posto que são absolutamente sujeitos às determinações naturais, diferente dos humanos, que necessitam ser disciplinados e cuidados para não utilizarem suas forças de forma prejudicial.

Os animais não precisam, por isso, de cuidados quando muito de alimento, calor e orientação, ou de uma certa proteção. A maioria dos animais necessita de alimentação, mas não de cuidados. Por cuidados entende-se a

previdência dos pais para que as crias não façam uso prejudicial das suas forças. (Kant, 2019, p.9)

No contexto educacional kantiano, a disciplina não se restringe apenas ao cumprimento das regras externas, mas é um processo de aprendizagem e autodomínio baseado na razão prática. O filósofo acredita que a educação deve orientar os estudantes a agirem de acordo com os princípios universais da razão, promovendo a autonomia moral como objetivo central, além disso o autor destaca a importância da educação física como parte integrante do processo disciplinar, para ele o desenvolvimento físico adequado é crucial para sustentar a autonomia moral, uma vez que a saúde e o bem-estar físico são componentes fundamentais para o pleno exercício da liberdade, nesse contexto a disciplina não deve ser imposta de maneira autoritária, mas sim cultivada internamente pelo próprio sujeito, a verdadeira disciplina é aquela que emerge da liberdade moral, nesse sentido o prussiano destaca a importância de formar indivíduos capazes de autolegislação, ou seja, que possam ser capazes de estabelecer suas próprias regras morais de forma racional e consciente.

A disciplina transforma a animalidade em humanidade, os animais, por sua vez, já possuem o instinto, isto é, a determinação natural lhe imprime tudo que lhe é necessário, entretanto o ser humano necessita ser guiado pela razão, cuja disposições naturais precisam se desenvolver para melhor uso desta, tal desenvolvimento não se consegue senão através do próprio esforço devendo ser papel primordial da educação cooperar para proporcioná-lo. O processo educacional da espécie deve ser aprimorado através dos anos, a ideia é que a próxima geração seja mais avançada do que a anterior, o objetivo aqui é que a humanidade através desse esforço fique cada vez mais próxima de uma sociedade moral, ou seja uma sociedade, cuja constituição seja pautada nos princípios da liberdade e na qual os homens se portem eticamente.

Nessa perspectiva, o filósofo expõe que essa educação não deve ser meramente mecânica. Com efeito, “O homem pode ser ou meramente adestrado, amestrado, instruído mecanicamente, ou ser realmente esclarecido”(Kant, 2019, p.20), evidentemente, a proposta kantiana é a de uma educação que leve ao esclarecimento, haja vista que a educação mecanizada não permite que o homem atinja seu potencial por completo, não é que Kant com isso descarte totalmente o

mecanismo na educação, porém confere-lhe um espaço secundário, a ser ressignificado pelo próprio pensar, uma vez que defende como de extrema importância desenvolver a capacidade do pensamento desde cedo para que se possa alcançar a autonomia desse pensamento.

Segundo o filósofo prussiano, a moral deve se fundar em máximas, então é necessário que a criança desde cedo seja encorajada a seguir tais máximas. “As máximas têm de nascer da própria pessoa. Na educação moral deve-se procurar ensinar à criança, desde cedo, os conceitos do que é bom e mau.” (Kant, 2019, p.57). Se uma criança agir de modo certo ou errado não deve receber punição ou recompensa, uma vez que no mundo real isso normalmente não acontece, a criança deve agir corretamente porque acredita que agir corretamente é o certo, então primeiramente na educação moral deve-se formar o carácter – “O carácter consiste na prontidão a agir segundo máximas” (Kant, 2019, p.57) –, no início são máximas escolares para daí progredir para máximas do mundo real.

Destaca-se que, para Kant, a formação do carácter possui três aspectos essenciais, a obediência, a verdade e a sociabilidade. A obediência pode ser obediência absoluta ou obediência voluntária, a primeira vem da autoridade e é importante para que a criança aprenda a respeito das leis que deverá seguir como cidadão, mas a mais importante é o segundo tipo de obediência, que possibilitará o pensamento por si como um ser racional e autônomo. O segundo aspecto é o da verdade uma pessoa que mente não tem carácter, mentir é entrar em um desacordo consigo próprio, para o filósofo a ideia de verdade está ligada a ideia de dignidade, e a dignidade ligada a autonomia, e o terceiro aspecto é o da sociabilidade este envolve a disposição de sempre entender e se colocar na situação do outro e estabelecer laços com outras crianças para não estarem sempre sozinhos, o carácter se consolidará na resolução firme de pensar em algo e colocá-lo em prática, sendo que a melhor maneira de solidificar o carácter moral é através de cumprimento de deveres, podendo esses serem deveres consigo, através da manutenção da dignidade, ou para os demais, ao cumprir deveres que se referem aos diretos universais.

2.2 A Educação como realização da Filosofia Prática kantiana

A educação é umas das formas de realização da filosofia prática de Kant, essa por meio da formação das crianças vem a contribuir com a utilização da autonomia na fase adulta, esse adulto graças a essa formação busca sua liberdade e agir de acordo com as leis morais visto que a educação está subordinada à moralidade e esse é o núcleo da filosofia prática de Kant, aqui o objetivo de todo pensamento educacional kantiano é o acompanhamento da criança para que no futuro essa possa ser capaz de agir de forma autônoma guiada pela razão, seguindo a proposta do pensar por si mesmo. A educação, cujo objetivo é atingir a moralidade, é aquela que busca a disposição do caráter da criança para escolha de ações que se habituem a agir de acordo com as máximas universais assim como o pensar autônomo proporcionando a capacidade do uso da razão, haja vista que essa criança está sendo preparada para uma vida pública, ou seja, uma vida política.

Uma vez que a educação, na perspectiva kantiana, não é apenas para o acúmulo de conhecimento em determinadas áreas dos saberes, podemos tecer uma crítica a atual forma com que a educação pública é implanta no Brasil, com o passar dos anos vimos que cada vez mais áreas que buscam exercitar o pensamento crítico das crianças e dos adolescentes estão sendo sucateadas nas escolas públicas do nosso país, e nos últimos anos ficando mais explícito que a falta de cuidados com a educação vem tornando a sociedade de uma certa forma “ignorante”, discursos contra entidades educacionais vem-se tornando comuns, as tentativas de desvalorização dos estudos científicos são empreendidas por pessoas que não possuem o mínimo de senso sobre os temas abordados.

Com a criação das redes sociais, que são uma forma de se comunicar instantaneamente com o mundo inteiro e que deveria ser algo positivo, pode-se observar a consolidação da heteronomia, o pensamento autônomo que deveria ser trabalhado desde a infância tem sido colocado em segundo plano, visto que, a educação hoje é vista como um negócio e que apenas busca um retorno financeiro no futuro, sendo assim, para esse tipo de educação, o pensar esclarecido atrapalha, e o cultivo da memória, puro exercício mecânico, é suficiente, mas isto está muito longe de ser o que Kant considerava que se devesse esperar da educação, pois significaria coisificar o homem, tratá-lo simplesmente como meio, facilmente conduzido por aqueles que governam ou possuem posição de domínio. A pedagogia kantiana, ao contrário, deve ser promotora de liberdade.

Mas a liberdade nunca foi um ideal educacional fácil de realizar, e Kant o sabia. Em terras do Novo Mundo, terras distantes da Prússia kantiana, muitos séculos depois, mais precisamente no séc. XX, resguardadas as diferenças de pensamento, um educador e filósofo brasileiro, Paulo Freire (1921-1997), defendeu reiteradamente uma pedagogia libertadora.

3 Autonomia como expressão da educação libertadora em Paulo Freire

Ao longo dos anos outros pensadores viram na autonomia a chave para uma sociedade mais justa e igualitária, Paulo Freire, em uma série de obras como *Pedagogia da Autonomia* e *Educação como Prática da Liberdade*, mostra a autonomia como tema central da sua filosofia, de acordo com ele a educação deve ser um instrumento de libertação tanto no pensamento quanto nas ações: “A educação das massas se faz assim algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e libertação” (Freire, 20020, p.52). Na obra *Pedagogia da Autonomia* é apresentado a ideia de que o educador que trabalha com crianças e adolescentes deve estar sempre atento a passagem da heteronomia para autonomia, aqui a autonomia aparece ligada à ideia de libertação de um indivíduo ou de um povo de uma condição de opressão, já a heteronomia é o oposto o indivíduo ou povo se mantém nessa condição de opressão. A autonomia Freire (2020) caracteriza como “ser pra si” e a heteronomia como “ser para o outro”.

A autonomia é um conceito fundamental da educação libertadora, pois a partir desse processo educacional o indivíduo se torna um agente ativo de sua própria vida capaz de tomar decisões melhores para si e para os outros, tornando, assim, o mundo um lugar melhor. Nesse sentido, a autonomia consiste na capacidade dos indivíduos de pensar e agir de forma independente em relação aos contextos em que se encontram, para tanto, a autonomia não se limita às habilidades intelectuais implicando também na capacidade de construir relações igualitárias e justas com os outros bem como de assumir responsabilidades por suas ações e suas escolhas, ou, seja a autonomia está ligada à um papel de conscientização do indivíduo, essa conscientização é a capacidade do indivíduo de refletir sobre sua própria realidade e questionar os valores e as crenças que a sustentam, dessa forma podendo superar

instituições opressoras e construir uma sociedade mais justa e igualitária, já dizia Freire:

Por uma nova sociedade que sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua história. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se “descolonizasse” cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objetos de outras que lhe são sujeitos. (Freire, 2002, p.52)

Assim como em Kant, a educação é o caminho para uma sociedade autônoma. Para Freire a autonomia pode ser alcançada por meio da prática da educação crítica, que leva em consideração a realidade social e histórica dos alunos, e os incentiva a questionar e transformar as estruturas opressoras que os cercam, a educação libertadora deve ser crítica e transformadora onde não se ensina apenas os conteúdos mas também se questiona os modelos da sociedade que perpetuam a desigualdade e a opressão, desse modo, a educação se torna uma ferramenta de libertação e transformação social, para o filósofo a autonomia é um processo contínuo que requer dedicação e comprometimento dos indivíduos e da sociedade em geral para criar espaços nos quais seja possível haver reflexões críticas e diálogos igualitários, a educação libertadora deve ser vista como um meio para a construção de uma sociedade mais humana onde todos possam viver de forma plena e autônoma em sua totalidade.

3.1 A Conscientização e o seu papel na busca pela Autonomia em Freire

A conscientização é um processo de suma importância no desenvolvimento da autonomia, ao promover a conscientização Freire propõe uma educação onde o foco é a liberdade na qual os indivíduos não apenas absorvem informações, mas sim refletem sobre essas informações e questionam sobre a condição social, política e cultural na qual estão inseridos, tal processo permite o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A conscientização está baseada na relação consciência-mundo, e implica em transformar o mundo, é inserção crítica na História e exige que os sujeitos criem a própria existência com aquilo que o mundo os dispõe. A conscientização exige que ultrapassemos a esfera da espontaneidade que substituímos a consciência ingênua pela consciência crítica. (Zatti, 2007, p.60)

“A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica” (Freire, 2020, p.138), é de caráter da consciência crítica a sua integração com a realidade, ao se tornar consciente das estruturas que o cercam, o indivíduo ganha a capacidade de transformação e passa a ser um agente ativo na construção de sua própria história, assim a conscientização é o caminho para a autonomia, pois capacita o sujeito a superar a alienação e a submissão, assumindo um papel crítico e participativo na sociedade.

Acontece, porém que toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também será. (Freire, 2020, p. 139)

A consciência para Freire, não se limita ao conhecimento superficial ou à simples reprodução de informações, ela envolve uma compreensão profunda da realidade social, política, econômica e cultural na qual o educando está inserido, além disso essa consciência no processo educacional não se limita ao indivíduo, mas também está relacionada à uma construção de uma consciência coletiva, onde os educandos se reconhecem como sujeitos ativos na transformação da sociedade, essa utopia é a grande proposta por de trás da teoria pedagógica freiriana, visto que aqueles que são oprimidos precisam se libertar e ao se libertar se tornam autônomos, existe uma relação direta aqui entre a libertação e a autonomia, pois na medida em que o sujeito se liberta dessa condição de submissão às instituições opressoras, ele aumenta o poder de se autodeterminar, de ser para si, ou seja, ele se torna um sujeito autônomo.

3.2 O Papel do Educador e do Educando para a Educação Autônoma

A autonomia, um tema tão discutido por pensadores da educação na modernidade, ganha um caráter sócio-político-pedagógico e sócio-histórico em Paulo Freire, aqui se nota uma proposta que está fundada na ética e no respeito à dignidade do educando, ou seja, do aluno. O educador brasileiro propõe que a autonomia é um atributo humano essencial, uma vez que está ligada a ideia de dignidade, mas ninguém nasce espontaneamente autônomo, essa autonomia deve ser conquistada e

é a educação que deve proporcionar ao aluno os meios para que essa conquista seja realizada, a autonomia aqui ganha o sentido de libertação, de um pensar por si, que além da capacidade de guiar-se pela razão envolve também a capacidade de realizar ações condizentes com tal pensamento, a autonomia exige que o homem seja consciente e ativo, logo um homem passivo é o contrário do homem autônomo, sendo esse homem autônomo ciente da sua própria história. Nessa perspectiva, é de suma importância que a educação ao visar o desenvolvimento da autonomia não tenha os educandos na conta de meros receptores de informações, mas sim de agentes ativos em seu próprio aprendizado. Além disso, a relação educador-educando precisa estar pautada na horizontalidade, promovendo diálogos, colaboração e respeito mútuo, aos invés de uma abordagem típica, onde apenas o conteúdo é passado sem que os alunos possam expressar suas vivências, sendo imprescindível para tal que haja uma construção participativa desse conhecimento, segundo Freire:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar-se a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga a produção das condições em que aprender criticamente é possível. (Freire, 2020, p.28)

Na sua obra *Pedagogia da Autonomia* o patrono da educação brasileira tece a relação do educando e do educador e seus papéis na educação autônoma, nesta o educador é um mediador, um facilitador do processo de aprendizagem, conforme Freire (2020, p. 24) “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”, deve-se ir além da simples transmissão de conhecimentos, o educador deve estimular e desafiar a curiosidade do educando, o educador deve ser um catalisador do pensamento crítico desenvolvendo um ambiente de diálogos e reflexões sobre os temas abordados, o educador não deve impor verdades absolutas, mas sim instigar a busca pelo conhecimento, considerando as experiências dos educando como ponto de partida para a construção do saber.

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se

explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. É por isso que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. (Freire, 2020 p.25)

Percebe-se que o educando tem como papel não apenas ser um receptor passivo daquilo que está sendo apresentado, ele deve desempenhar um papel ativo na construção do seu conhecimento, sua autonomia é cultivada quando é incentivado ao questionar e ao dialogar buscando o significado daquilo que aprende e como pode aplicar aquilo em sua vida, nesse método de ensino a responsabilidade pelo processo de aprendizagem é compartilhada pelo educador e pelo educando. A relação entre educador e educando na perspectiva freiriana é caracterizada pela reciprocidade e pela construção conjunta do conhecimento, o educador não é o detentor absoluto do saber mas sim um orientador que guia os educandos pelas trilhas do conhecimento, valorizando as contribuições de todos, assim, a autonomia é construída de forma coletiva enriquecendo o ambiente educacional, dessa forma o educador brasileiro destaca que a educação autônoma não é um processo unilateral mas sim um esforço colaborativo entre educador e educandos.

3.3 O Ensinar exige do Educador

Quando se toma a decisão de ser um educador, deve-se estar ciente que a arte do ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a construção desse conhecimento, como enfatiza Freire (2020, p. 47): “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não transferir conhecimento.”. Assim, o ensinar vai além do mero discurso é preciso que aquilo que está sendo passado seja testemunhado, vivido colocado no campo da realidade dos educandos.

Como professor num curso de formação docente não posso esgotar minha prática discursando sobre a Teoria da não extensão do conhecimento. Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos.” (Freire, 2020, p.47)

Para que esse conhecimento seja construído é necessário que o educador saiba pensar certo, segundo Freire:

Pensar certo e saber que ensinar não é transmitir conhecimento é fundamentalmente pensar certo, é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos que assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmo. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos que exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gera um pensar errado e falso. (Freire, 2020, p.49)

O conceito de pensar certo na perspectiva freiriana está extremamente ligado à ideia de conscientização e libertação, o pensar certo não se resume a seguir um conjunto de regras específicas, mas sim a capacidade de analisar criticamente a realidade, o pensar certo se remete a capacidade de desenvolver uma consciência crítica capaz de perceber as injustiças sociais, não é apenas uma questão de lógica, porém de ética, isto é, de assumir responsabilidade e compromisso na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, portanto Freire afirma que:

O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidades em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Por isso mesmo a capacitação de mulheres e homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. (Freire, 2020, p.54)

O ensino que busca a autonomia do pensamento e a liberdade é uma busca constante, pois devemos estar cientes que somos seres “inacabados”, de acordo com Freire (2020, p. 57) “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento.”. Ainda segundo Freire é por causa dessa inconclusão do ser que podemos ser educados:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tomam educáveis na medida em que se reconhecerem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos

conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança.” (Freire, 2020, p.57)

A ideia da inconclusão é um saber fundante da prática educativa e da formação do docente, “O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, “convivam”, de tal maneira com este como outros saberes de que falarei, que eles vão virando sabedoria.” (Freire, 2020 p.57). A prática da docência quando realizada buscando a autonomia do educando exige do educador um comportamento de respeito por este, assim como o respeito do educando pelo educador, todavia, fora isso existem outras etapas que são exigidas para que a educação possa de fato vir a ser libertadora, o ensinar exige pesquisa: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”(Freire, 2020 p.30), enquanto existir a pesquisa continuará existindo a busca pelo conhecimento, a busca pelo conhecimento deve ser estimulada, posto que quando se busca, indaga-se, pergunta-se, exercitando, dessa forma, o pensamento crítico.

O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para escola. Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer tanto mais, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo a ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica. Ao pensar sobre o dever que tenho como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia sua identidade em processo, devo pensar também, como já saliente em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei que deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isso exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. (Freire, 2020, p. 62-63)

Quando se coloca em prática o respeito pelo educando é necessário o uso do bom senso, o bom senso para o educador tem uma grande importância na avaliação do professor, deve-se saber ponderar quando se faz imprescindível o uso da autoridade do professor sem se tornar um professor autoritário:

É o meu bom-senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo seu dever. (Freire, 2020, p. 60)

Quanto a este ponto, observa Zatti que a concepção freiriana da relação autoridade-liberdade exige atenção por parte do educador, pois:

O educador, que em sua prática busca promover a autonomia dos educandos, deve estar atento à relação autoridade-liberdade. Para que haja a necessária disciplina sem haver autoritarismo ou licenciosidade, o equilíbrio entre ambas é necessário. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade não é mais liberdade, mas depravação da liberdade. Ambos são à autonomia, já que o autoritarismo mantém o educando excessivamente dependente da autoridade e põe a liberdade de escolher por si mesmo. Já a licenciosidade impede a aprendizagem da auto-responsabilização e permite que o educando se torne dependente dos próprios impulsos e desejos. Tanto a dependência excessiva da autoridade externa quanto a dependência dos próprios impulsos são formas de heteronomia, pois impedem que o sujeito haja de acordo com sua própria lei, impedem que o sujeito seja ele mesmo. (Zatti, 2007, p.56)

O ensinar exige rigorosidade metódica, o educador deve instigar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, assim é uma tarefa de suma importância trabalhar a rigorosidade metódica, segundo Freire (2020, p. 28): “É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível.”. O ensinar exige respeito pelos conhecimentos dos educandos, não se pode descartar aquilo que os educandos trazem de suas vivências, o educador deve proporcionar diálogos que envolvam essas vivências para trazer aquilo que está sendo trabalhado para a realidade do educando, a construção a autonomia do educando vem do respeito por essa autonomia também, haja vista que “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”(Freire, 2020, p.58).

O ensinar exige respeito pela profissão professor, considerando que “O professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (Freire, 2020, p.90). O professor para exercitar o pensamento crítico dos alunos deve se manter por dentro dos conteúdos, assim como se atualizar para estar sempre preparado para abordar diversos temas na sala de aula.

O ensinar exige que compreendamos que a educação é uma forma de intervenção no mundo, a educação está diretamente relacionada com o mundo seja ela para o bem ou para o mal, ela pode ser usada pela classe dominante para propagação de ideologias, tanto quanto pode ser uma ferramenta de crítica da

ideologia dominante, a educação deve buscar a liberdade e o pensamento crítico “Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante.” (Freire, 2020, p.96).

A educação libertadora traz consigo muitos desafios tanto para o educador quanto para o educando, mas esses desafios trazem um grande benefício para a vida e na forma que o indivíduo vai interagir com o mundo, ser um agente ativo da sua história e se reconhecer como um indivíduo inacabado buscando sempre melhorar.

4 A Educação como caminho para a mudança em Freire

É notório no pensamento freiriano a contradição de um ser consciente de seu inacabamento, que não busca um futuro em que possa gozar de uma vida melhor, um futuro de esperança e transformação do mundo onde todos possam agir de acordo com sua autonomia. À educação cabe como tarefa, no entanto, problematizar o futuro para que essa utopia seja alcançada um dia, como explica Zatti:

Uma educação que vise formar para autonomia deve encarar o futuro como problema e não como inexorabilidade, a História como possibilidade e não como determinação. O mundo não apenas é, ele está sendo, o papel dos homens no mundo é de quem constata e intervém. A constatação só faz sentido se eu não apenas me adaptar, mas tentar mudar, intervir na realidade. A conquista do poder de ser autônomo exige transformação das condições heterônomas que o limitam. (Zatti, 2007, p.62)

A educação visada por Freire propõe que se deve tomar posição frente ao mundo no sentido de transformação de forma que as condições heterônomas sejam superadas e se estabeleçam relações e condições que possibilitem a autonomia. Todavia, para que as condições que limitam a autonomia sejam superadas, é preciso uma reinvenção do mundo de hoje e é na educação que encontraremos essa reinvenção.

Seguindo os pensamentos kantiano e freiriano acerca da educação podemos pensar a educação para autonomia como processo de formação em que o indivíduo faz a si próprio de acordo com os projetos que o tornam racional e livre, o indivíduo só pode ser autônomo se assim for formado, não será algo espontâneo.

Tanto para Freire quanto para Kant, o homem é construtor de si. A diferença é que para Kant o homem retira de si, da própria razão, os meios para se fazer homem, já em Freire é a ação dialógica feita com o mundo com os outros que possibilita a própria construção. Há em Kant intersubjetividade na medida em que o sujeito pensa o universal, o imperativo categórico busca a intersubjetividade na medida em que o sujeito pensa o universal, e ao agir por dever já estou com os outros. Assim, a partir do pensamento de Kant, o homem autônomo ao obedecer aos preceitos da razão universal estaria sendo espontaneamente intersubjetivo. Mas nesse caso, a intersubjetividade não é constitutiva do sujeito, ela é atingida pelo sujeito enquanto participante da universalidade. Em Freire fazer a si implica em fazer-se intersubjetivamente. O sujeito em todas suas dimensões, constrói-se na relação coletiva, sem nada subtrair da dimensão individual. Ao contrário, o coletivo realiza o individual assim como o individual realiza o coletivo. (Zatti, 2007 p.67)

Em grande parte, podemos dizer que Zatti tem razão, pois a autonomia no pensamento kantiano é sempre fruto de um princípio de autodeterminação da razão, dependendo de uma decisão individual, nunca podendo ser imposta por filósofos, governantes, preceptores, sacerdotes ou revolucionários, em que pese num mundo de menores, isto é, de pessoas que abdicaram da tarefa de pensar por si, esse domínio se realizar sobre a coletividade, sobre o rebanho.

A autonomia em Kant nunca pode advir da experiência, por conseguinte das relações sociais, casos em que já não seria autonomia, entretanto, essas podem sim dar a ocasião para que diante de determinadas situações o homem, sentindo-se intimamente convocado, pense sobre suas ações, como também sobre as leis sob as quais vive à luz das balizas racionais puras e *ouse saber*. Em outras palavras, Zatti parece ter deixado escapar esse aspecto tão precioso que envolve o pensar por si e que é defendido pelo filósofo de Königsberg, no opúsculo *Que significa orientar-se no pensamento?* neste ao discorrer criticamente sobre a interdição à liberdade de expressão, diz:

Sem dúvida ouve-se dizer: a liberdade de *falar* ou de *escrever* pode nos ser tirada por um poder superior, mas não a liberdade de *pensar*. Mas quanto e com que correção poderíamos nós *pensar*, se por assim dizer não pensássemos em conjunto com outros, a quem *comunicamos* nossos pensamentos, enquanto eles comunicam a nós os deles? Portanto, podemos com razão dizer que este poder exterior que retira dos homens a liberdade de *comunicar* publicamente seus pensamentos rouba-lhes também a liberdade de *pensar*, o único tesouro que ainda nos resta apesar de todas as cargas civis, e graças ao qual unicamente pode ainda ser produzido um remédio contra todos os males desta situação. (Kant, 2009a, p. 59)

Observe-se que não há liberdade de pensar se não houver a liberdade de tornar público o que se pensa, considerando que é essa publicização do pensar que torna possível pensar em conjunto (pensar com o outro) e, nessa medida, pensar com

correção. O pensar por si não equivale a um ato isolado, retirado do espaço público, mas, como afirma o filósofo na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, “é o princípio do modo de pensar livre de coação” (Kant, 2006, p. 126), portanto, a intersubjetividade não pode ser considerada como algo que tem seu lugar em Kant apenas no ato de pensar o universal.

Ressalta-se, ainda, que depois de estabelecer ao que a liberdade de pensar se opõe, Kant (2009a. p. 59) trata de assegurar que “a liberdade de pensamento significa que a razão não se submete a qualquer outra lei *senão àquela que dá a si própria*.”, ou a razão se submete a lei que ela mesma se dá ou se submete ao jugo de outrem. Por conseguinte, podemos dizer que, não obstante, o necessário diálogo que precisa haver para pensarmos sobre algo, a pedra de toque da razão não pode ser desconsiderada, pois é a ela que deve ser perguntado: - pode isto se universalizar? Essa consulta é expressão do próprio ato de pensar, e de um pensar inclusivo, porém que não se faz sem passar pelo diálogo, é claro que a publicização do que se pensa no esclarecimento kantiano se destina a um público erudito e não sendo dirigido ao povo iletrado, como ocorreria na pedagogia freiriana, no entanto, não podemos esquecer que a educação de crianças e jovens também tem por foco o pensar por si. Todavia, com esses esclarecimentos não pretendemos igualar Freire a Kant, talvez apenas aproximá-los um pouco mais, mostrando algumas singularidades sobre o fazer-se homem e o papel da intersubjetividade nesse processo em Kant.

A maneira que Freire e Kant abordam a autonomia possuem, evidentemente, suas diferenças, tanto do ponto de vista histórico quanto de perspectivas filosóficas. Freire foi muito influenciado pelo contexto brasileiro e latino-americano, o levando a defender uma abordagem mais prática e engajada, centrada na conscientização e na transformação social do mundo, enquanto Kant abordava a autonomia de forma mais individualista e racional, como era mais próprio ao movimento iluminista, enfatizando a importância da liberdade e da consciência moral como condições necessárias para o avanço do progresso jurídico-político e ético, em resumo pode-se notar que Freire enfatiza a dimensão social e crítica da autonomia, enquanto Kant a compreende como uma questão prático-moral, portanto, racional.

A educação como processo de formação é indispensável para o indivíduo conquistar sua autonomia, esse pensamento é o núcleo da teoria educacional de ambos os autores. Uma característica em comum é o repúdio a memorização

mecânica, esta nega a proposta da construção do conhecimento, nega o pensar por si, esse tipo de educação formará indivíduos dependentes e incapazes de assumir um papel na história

Tanto em Freire quanto em Kant, o conhecimento técnico deve ser ensinado com vista à promoção do ser humano, com vista a promoção da autonomia. O conhecimento é importante para que se tenham os meios para realizar os projetos estabelecidos para si, portanto, o conhecimento pode proporcionar autonomia. Mas a educação não deve ser apenas um treinamento pois assim sendo, o homem dificilmente terá disposição para elaborar os próprios projetos. É preciso educar para a liberdade para que o ser humano possa propor o que há de propor livremente. É preciso educar para que o ser humano seja capaz de exercer racionalmente sua liberdade. Por isso educação é formação e muito mais que um treinamento, envolve ética, estética, política deve envolver o ser humano em sua totalidade. (Zatti, 2007, p.68-69)

A educação que busca formar para autonomia também deve aguçar a curiosidade e a criticidade dos educandos, não se deve focar na memorização mecânica, pensar de forma mecânica é pensar errado, “Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha escondido, nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos (Freire, 2020, p.77). O professor que acha que é dono do conhecimento e que aquilo que está ensinando é uma verdade imutável também está pensando errado e para ensinar é preciso pensar certo.

A partir das concepções de Freire a educação envolve entre o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Práticas espontâneas produzem geralmente um saber ingênuo. O conhecimento crítico, necessário para autonomia, se alcança com rigorosidade metódica. O pensar certo não é um presente dos deuses ou fruto de uma iluminação especial sobre uma ou outra mente privilegiada, o pensar certo é possível a todos e deve ser produzido pelo educando em comunhão com seu educador. (Zatti, 2007 p.59)

4.1 Educação para autonomia e a política

Ao se aborda o tema educação para autonomia já estamos falando de política, a autonomia acontece na ação no mundo e na relação com os outros indivíduos, logo envolve a dimensão política, é por meio da ação política que é possível obter condições sociais favoráveis ou desfavoráveis, para Kant em determinado sentido a educação está ligada à política onde o objetivo final da educação é a vida pública logo uma vida política, o filósofo alemão defendeu em seu tempo que a constituição de um Estado deveria ser pautada na liberdade e na igualdade e denunciou os governantes

que em vez de proporcionar uma educação que visasse a formação e a autonomia do indivíduo, ofereciam uma educação técnica interessados em seus próprios interesses.

Em Freire vemos que o papel primordial da educação é a superação da realidade injusta proporcionada por um sistema opressivo, essa realidade que oprime, desumaniza é a fonte da heteronomia e deve ser superada, para isso a educação deve também obter um caráter radicalmente político. Para o educador brasileiro o processo educacional é fundamentalmente um processo político, que impossibilita a neutralidade, o conhecimento não é neutro, ele não está imune a ideologias e pode ser uma fonte de heteronomia, por isso é tão necessário a criticidade, criticidade essa aplicada ao mundo e a sua realidade, por isso a importância para a formação política.

A pedagogia freiriana traz consigo a utopia de construir e aperfeiçoar a democracia. Sua concepção de democracia é de um Estado que se recuse a posições autoritárias e licenciosas respeitando realmente a liberdade dos cidadãos, não abdicando do seu regulador das relações sociais, portanto, diferente do Estado dito Liberal. Ele recusa a democracia fundada na ética do mercado, ética que é norteadada pelo lucro e nega a própria democracia. O neoliberalismo globalizado é uma expressão pós-moderna de autoritarismo, em que a unilateralidade do sistema dita o destino dos povos. Também em função disso é que milhões de pessoas no Brasil permanecem sem as mínimas condições de viverem dignamente e a autonomia é algo tão difícil de ser conquistado. (Zatti, 2007, p.70)

A formação para autonomia dos cidadãos é fundamental para se atingir uma democracia de fato verdadeira, a democracia repousa sobre as escolhas de cada indivíduo da sociedade, nas escolhas de seus representantes e nas suas ações, então é necessário que essas escolhas sejam pautadas numa condição de conhecimento da realidade e de crítica a essa realidade. Quando se defende uma educação que busca formar para autonomia essa deve ser, conforme Freire, democrática, acessível para todos e orientada pelos princípios da razão.

Numa sociedade mais justa em que todos tenham de acesso aos bens culturais, bens materiais, as oportunidades etc., haverá condições para que os cidadãos sejam autônomos. Assim, para além do individualismo, poderemos construir um novo sentido, o sentido de mundo feito em colaboração, em que cada um possa ser autêntico. (Zatti, 2007, p.71)

4.2 Educação para Autonomia e a Formação Ética

Já foi exposto que tanto Freire quanto Kant são contrários à formação meramente mecânica, para ambos a educação deve ser trabalhada na totalidade do ser humano, sendo assim, a formação ética aparece como elemento de suma importância na teoria educacional de ambos os autores, a formação ética permite que o indivíduo reconheça e respeite a sua própria dignidade assim como a dos demais, com isso sugere-se uma formação da vontade como parte importante para a educação que queira formar para autonomia Segundo Zatti (2007, p. 72) “Freire reconhece a importância na vontade compondo um tecido complexo com a resistência, com a rebeldia na confrontação ou na luta contra o inimigo que oprime seja ele um vício ou a exploração capitalista”(Zatti, 2007 p.72)

A formação da vontade quando bem formada permite ao indivíduo refletir sobre aquilo que faz parte da sua história, permite o indivíduo agir de forma consciente e se tornar um agente ativo buscando e contribuindo por um mundo melhor e menos injusto “ A educação da vontade é necessária para se fazer livre da heteronomia da escravidão dos próprios desejos e da vontade ilícita do outro que procura oprimir”(Zatti, 2007 p.72), em Kant a formação da vontade aparece como tema central de seu pensamento segundo Zatti:

Em Kant a educação da vontade é central pois é a autonomia da vontade (razão prática), vontade guiada pela razão, livre de coação externa e dos impulsos, que garante a autonomia dos sujeitos. Por isso a educação da vontade deve começar muito cedo. A disciplina é necessária para que a vontade não seja corrompida a fim de que a razão guie o homem. Vontade autônoma é aquela guiada pelos princípios da razão, e o princípio da razão prática que garante a autonomia da vontade é o imperativo categórico. Assim, a liberdade está em poder dar a si própria lei que é lei moral e determina que o sujeito haja por dever. (Zatti, 2007, p.72)

A formação ética é essencial para agir de forma moral e buscar dignidade, a verdadeira moralidade deriva da vontade de agir de acordo com o dever, agir de forma consciente com base em princípios que se aplicam a todos.

Entendemos que não é possível formar para autonomia sem uma educação da vontade. No entanto, não é mais possível pensar a educação de uma vontade que seja guiada por princípios racionais desde que o entendimento da razão seja de uma razão que não é transcendental nos moldes kantiano. Por isso, não pensamos a educação da vontade como subordinação da vontade à moralidade. Pensamos uma educação da vontade no sentido de torná-la capaz de assumir seus limites e sua condição humana eticamente. Dessa forma, pensamos uma vontade guiada racional e esteticamente, para que possa ser vontade autônoma e ética. (Zatti, 2007, p.72)

4.3 Educação para Autonomia e a Estética

O processo de formação também é um processo artístico, é através dele que os seres humanos fazem a si e ao mundo como obra de arte, a formação estética que se propõe como caminho para autonomia é uma formação que abrange a totalidade do ser humano e necessita de sensibilidade aliada à uma formação moral para que aja harmonia entre uma vida feliz e uma vida autônoma.

Em Kant a educação estética aparece como elemento crucial para formação do indivíduo como um ser autônomo e moral, o prussiano tece uma argumentação sobre o juízo estético, esse a partir da apreciação do belo na natureza e na arte estabelece uma harmonia entre sensibilidade e entendimento, a experiência estética quando livre dos interesses permite a contemplação que é essencial para a formação do gosto e do discernimento moral, a educação estética permite a capacidade de julgamento assim desenvolvendo a racionalidade e a moralidade do indivíduo para que possa agir segundo os princípios universais.

A disposição estética confere ao homem a liberdade que ele não possui no caso de coação unilateral, ou da natureza na sensação ou da legislação da razão, possibilitando a autonomia. Pela cultura estética permanecem indeterminado o valor e a dignidade pessoal de um homem, à medida que este só pode depender dele mesmo, o que torna possível fazer a si mesmo o que quiser. Uma das tarefas principais da cultura é submeter o homem à forma em sua vida meramente física para torná-lo estético. Para tornar o homem verdadeiramente racional é preciso antes torná-lo estético. (Zatti, 2007, p.75)

É por esse sentido que a educação estética também é uma educação para liberdade, uma educação para autonomia do pensamento e essa embeleza o mundo e proporciona uma vida digna. Freire faz uma ligação entre a ética e a estética e em como elas se completam para agir de forma autônoma no mundo.

Paulo Freire também mantém a unidade entre ética e estética, para ele decência e boniteza andam de mãos dadas. Como o ser humano cria a sua existência e a si próprio por meio da educação entendida como processo contínuo, a obra de sua criação pode enfeiar ou embelezar o mundo a partir da nossa liberdade. Aqui Freire mostra que existe uma ligação entre ética e estética, a obra humana embeleza ou enfeia o mundo, responsabilidade da qual não podemos nos eximir, portanto, a ação humana é estética e implica em responsabilidade ética. (Zatti, 2007 p.76)

O educador brasileiro aborda a educação estética sob uma perspectiva de conscientização e transformação social, essa é uma parte importante na pedagogia

freiriana, onde a arte e a cultura são ferramentas poderosas para o desenvolvimento crítico e para a conscientização do indivíduo.

4.4 Educação no Brasil

A educação básica brasileira enfrenta desafios históricos, como apontado por Paulo Freire, incluindo desigualdade social, infraestrutura inadequada, qualidade variável do ensino, onde algumas instituições são muito superiores as demais, um cenário caótico onde o desenvolvimento do aluno é meramente um desenvolvimento mecanizado em sua maioria. O Brasil tem traçado uma série de normas oficiais para garantir acesso universal à educação de qualidade, esses objetivos são delineados em documentos como o Plano Nacional da Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os objetivos estabelecem metas como erradicação do analfabetismo, melhorias no sistema de ensino entre outros, mas a educação acaba sendo tratada como uma etapa de desenvolvimento técnico para efetuar funções secundárias no mercado de trabalho, as políticas que tem como objetivo o desenvolvimento do aluno são sempre voltadas ao ensino técnico e não no desenvolvimento da autonomia do pensamento e, apesar dos objetivos bem traçados, no papel a implantação no dia a dia enfrenta grandes obstáculos, a desvalorização dos profissionais da educação, problemas de infraestrutura, a falta de matérias didáticos são apenas poucos dos problemas enfrentados pelos educadores em seu cotidiano, a qualidade da educação no Brasil enfrenta desafios significativos desde 2016 estão sendo feitos cortes no orçamento, mostrando como a educação das massas é colocada em segundo plano o que leva ao crescimento da desigualdade social.

Defendemos que a educação que busca formar para autonomia deve ser democrática, mas democracia orientada pelos princípios da razão. As relações vividas na escola devem ser momentos de aprendizagem da democracia, devem ser momentos de exercício racional e responsável da liberdade, a práxis educativa deve ser conscientizadora para que possam ser construídos espaços sociais democráticos e justos. (Zatti, 2007, p.71)

A permanência nesse sistema caótico transformou o Brasil em um país onde é comum ataques às instituições de ensino, a manipulação das massas através de notícias falsas, o uso das massas para defender pautas que ferem a dignidade humana por políticos conservadores, entre outros inúmeros problemas fruto dessa desvalorização da educação básica no Brasil. Implantar um modelo educacional que busque o desenvolvimento da autonomia dos alunos seria um grande passo para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Quando os estudantes são incentivados a buscar respostas por conta própria, estes desenvolvem suas habilidades críticas, essas habilidades são essenciais não apenas para o desenvolvimento intelectual, mas também para a vida pessoal e social, muitas vezes os jovens não se veem como participantes da esfera política, se veem como incapazes de mudar a situação em que se encontram, se mantêm presos naquilo que os impede de alcançar objetivos maiores. É papel da educação proporcionar que esses jovens alcancem seu potencial máximo e isso só é possível através de um sistema que busque desenvolver o pensamento autônomo desses jovens, para que isso aconteça é necessário um ambiente educacional que valorize e suporte essa abordagem, que inclua professores bem preparados, que atuem nos moldes demonstrados por Freire de professor facilitador e não um mero transmissor de conteúdo, da mesma forma é preciso que ocorram melhores condições de trabalho, como da infraestrutura das escolas, e valorização desses profissionais, em suma a educação brasileira pode se beneficiar imensamente com a implantação desse sistema ao estimular um ambiente de aprendizado que valorize a independência intelectual, a motivação e o desenvolvimento de habilidades críticas, quadro em que estaremos preparando nossos jovens para serem cidadãos críticos e responsáveis que é um passo crucial para construção de uma sociedade mais justa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar para autonomia é educar para uma vida em sociedade e uma vida política, onde o indivíduo autônomo é capaz de exercer seu papel de cidadão além de criticar tudo aquilo que não for justo e igualitário, a verdadeira democracia é composta por indivíduos que possuem a condição de exercer seu papel em prol da sociedade, o que se nota hoje é que a educação para autonomia não é o foco, mesmo quando

parece defendida como, por exemplo, no novo ensino médio brasileiro, no qual se alardeia que o estudante pode escolher o que deseja cursar, mas o que se vê é o incentivo a uma educação bancária, profissionalizante, que prescinde de uma formação humanística consistente, ensino que em tese deve ser executado nas escolas privadas e públicas, mas que na prática encontra na escola pública seu ambiente de realização, acirrando as desigualdades sociais e econômicas, dificultando o acesso ao ensino superior à classe mais vulnerável, historicamente excluída.

Modelos educacionais como esse favorecem o que Kant chamaria de menoridade, isto é, um pensar tutelado, o que justificaria que em algumas camadas da sociedade as pessoas continuem presas nas heteronomias modernas e não sejam capazes de pensar por si, estando cada vez mais manipuladas por discursos prontos, sobretudo, através das redes sociais.

Uma sociedade onde ainda existe esse tipo de problema está muito distante de se tornar uma sociedade autônoma, países onde a educação não é valorizada percebesse o quanto os índices de criminalidade e desemprego são altos, fruto dessa desvalorização, e é fato que o indivíduo alienado não é capaz de se libertar facilmente daquilo que o mantém nas condições opressoras que se encontram. Ora, uma sociedade autônoma não é de interesse daqueles que oprimem e enquanto aqueles que são oprimidos não se emanciparem através da educação não haverá mudanças.

A educação possui um viés político no que envolve a transformação das realidades injustas e opressoras, que desumanizam, massificam e impõem heteronomias, é por isso que a educação que promove o pensamento crítico é tão importante, é nesse sentido que a educação libertadora apresentada por Freire possui tantos méritos ao mostrar os aspectos sociais da autonomia, e o porquê é tão importante defender a educação como formação do indivíduo por completo.

Ao defender a educação que desenvolve a autonomia do pensamento estaremos defendendo a ideia de uma sociedade mais justa, com indivíduos capazes de agir e pensar coletivamente, indivíduos livres de qualquer fonte de coação externas sejam elas dogmas, alienação ou ignorância, defenderemos a ideia do indivíduo pensar por si de acordo com princípios racionais, dessa forma, este estará pronto para exercer seu papel na sociedade e, de certo que tanto a concepção kantiana quanto a

freiriana são importantes referências para uma educação que vise possibilitar a autonomia dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

ZATTI, V., **A educação para autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire**. 2007 (tese de mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Kant e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **Da pressão disciplinada à obrigação moral**. In: *Moralidade e educação em Immanuel Kant*/Cláudio Almir Dalbosco, Heinz Eidam. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 159 – 189.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 47 ° Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66° Ed.. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica da razão prática**. Tradução de Valério Rohden, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **O que significa orientar-se no pensamento?** In.: Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

_____. **Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento”?** In.: Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.

_____. **Sobre a pedagogia.** Título original *Über die Pedagogik*, Tradução João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2019.

MENEZES, Edmilson. **Kant: esclarecimento e educação.** Cadernos de Filosofia Alemã (São Paulo, online), v. 19, n. 1, p. 117-147.

MENEZES, Edmilson & BOTO, Carlotta. **Algumas notas sobre educação e ética à luz do pensamento de Kant.** Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 3, p. 441-453, set.-dez. 2014.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades.** Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.